ANDRADE FURTADO

ITAMAR ESPÍNDOLA

Inicialmente, quero agradecer a honra a mim conferida de participar deste já tradicional encontro da família Saraiva Leão, agora alcançando o de número 7.

De logo, pareceu-me adequado suscitar um problema de natureza lingüística: é certo dizer os "Saraiva Leão"?

A matéria acha-se dentro da flexão numérica.

Em geral, os nomes próprios não deveriam sofrer flexão. Mas, usados como simples nomes comuns, para designar os homens portadores de qualidades semelhantes ou as pessoas da mesma família, desvestem-se de característica de nomes próprios e assumem a dos comuns, flexionando-se, pois, como, por exemplo, os Câmaras, os Bezerras, Leones, Furtados, Benícios, Andrades, Rabelos, os Nogueiras etc.

A inflexão dos nomes próprios constitui galicismo arcaico porque, na verdade, na língua francesa, há muito é usada a flexão no plural (os Léons, as Maries, as Dianes).

Anotar, porém: se o nome contiver a preposição "de" ou a combinação "do" ou "da", ou a conjunção "e", entre o prenome e o sobrenome, a pluralização faz-se apenas relativamente ao prenome simples ou composto. Exemplo: os Caubis de Assis Bezerra, os Joões Batistas de Figueiredo, os Joaquins Caetanos da Silva, os Joões do Patrocínio, os Franciscos da Silveira Bueno.

Deste modo, o correto é dizer os Saraivas Leões.

* * *

Mas, qual a minha tarefa, nesta noite de comunhão afetiva e familiar, na Serra de Santo Estêvão, onde tudo é expressão de força, energia e paz, em pleno contacto com a Natureza?

Outra não é senão fazer o panegírico do Professor Manuel Antônio de Andrade Furtado, meu antigo mestre na Faculdade de Direito do Ceará.

Segundo a antroponimia, MANUEL constitui forma aferesada de Emanuel, palavra hebraica. Significa Deus (EL) está conosco (**emmanu** ou **imanu**). É um dos nomes do Messias, no Antigo Testamento, nomeado principalmente por Isaías, no c.7, v.14: "Por isso, o Senhor vos dará um sinal: a Virgem conceba e dê à luz um filho, e o chame Emanuel." Esta passagem acha-se registrada em Mateus, c.1, v.23.

ANTÔNIO, do latim **Antonius**, em grego **Antónios**, tem étimo discutido. Os Antônios constituíam uma família dos Heraclides, descendentes de **Anton**, filho de Hércules. E o grego Ánton, talvez derivado de **antéo**, significa "opor-se", "enfrentar". Para outros, **Antonius** é abreviação de **Antistius**, ligado a **antistes** (chefe).

Santo Antônio de Pádua, ou de Lisboa, muito concorreu para a larga difusão deste prenome. Fernando era o seu prenome verdadeiro. Este foi usado apenas para fins religiosos.

Fernando vem do espanhol Hernando (ousado na paz).

Andrade é sobrenome português geográfico, proveniente do genitivo **Andriati**, sendo **Andriatus** o nominativo, este cognato de André, do grego **Andréas** (viril, robusto).

Existe a forma Andrada, variante de Andrade.

Furtado, é sobrenome português, primitivamente alcunha. Deriva do particípio passado do verbo "furtar". Em espanhol, é Hurtado. Os Hurtados procedem de Dona Hurraca, proprietária do reino de Castela. D. Fernando Furtado, filho desta, foi a primeira pessoa a quem se deu este apelido.

Os Furtados uniram-se aos Mendonças, pelos laços do casamento. Daí a família Furtado de Mendonça.

Ao homenageado desta noite adequava-se bem o nome recebido. Porque, veremos adiante, era efetivamente homem de Deus (**Manuel**), cidadão de luta (**Antônio**), bastante forte (**Andrade**) e roubado (**Furtado**) relativamente cedo, por Deus, pois já desempenhara "à merveille" sua grande missão neste mundo menor.

Anoto circunstância singular. O Dr. Andrade Furtado não gostava de seu prenome composto, Manuel Antônio. Na verdade, sempre apunha como assinatura "M.A. de Andrade Furtado". Talvez não lhe parecesse muito eufônico o resultado da possível ligação de Manuel com "An", primeira sílaba de Antônio. Daria Manuelan quase Manuelão, Manuel grande. Seria isto? Ou ele achava tal prenome muito simples para uma figura de sua boa capacidade cultural? Ou o considerava bastante longo?

Só o mestre poderia responder.

Nascido na cidade de Quixeramobim, neste Estado, a 28 de janeiro de 1890, nosso homenageado é filho do excelente casal José Furtado Mendonça Bezerra de Meneses, antigo Professor de Latim e Ana Stela de Andrade. Vivo estivesse, contaria com 92 anos.

Outrora, e ainda hoje, era costume adotar o último sobrenome paterno. Assim, "Meneses" deveria ter integrado o nome de Manuel, ou seja, por completo, Manuel Antônio de Andrade Meneses. Porém, a lei nunca fez exigência neste sentido. Nem a atual. Apenas estabelece contenha o assento de nascimento o nome e o prenome da criança. Quando o declarante não indicar o nome completo, o Oficial do Registro deverá lançar, adiante do prenome escolhido, o nome do pai e, na falta, o da mãe, se forem conhecidos e não o impedir a condição de ilegitimidade (v. art. 55 da Lei 6.015, de 31.12.1973).

Neste campo, lembro-me dos célebres nomes estrambólicos, muito ao gosto dos pais com desvios mentais. Entre eles, estão em minha lista os seguintes: Submarino Nunes de Castro, Francisco Edson Xerox Martins, Sete de Janeiro da Independência Itaparica Pimentel (de Salvador, Bahia), Pafúncio da Santa Paz do Senhor, Joaquim Contador de Quadros, Manuel Bom Despacho de Arruda, Ava Gina dos Santos (formado de Ava Gardner e Gina Lolobrígida), Brasil Primeiro Centenário do Brasil, Setembro Grandeza do Brasil, Dioguinhas das Areias Brancas do Ceará (irmã de Setembro), Fiel Querendo Deus, Núncia Aparecida Hodierna e Antônio Veado Prematuro. Há também este nome esquipático: Meidinusa.

Sabem a razão deste último? O pai, homem de pouquíssimas letras, viu num produto americano: MADE IN USA. Achou bonita a pronúncia da expressão, emitida por alguém. E não deu por menos: registrou a menina com o nome de Meidinusa.

O fato lembra aquela ocorrência com um japonês residente em São Paulo. Quando sua mulher deu à luz o primeiro filho, o pai pediu ao vizinho o ajudasse a escolher o prenome do recém-nascido. O amigo lhe disse: "Sugiro Francisco, Fernando e Walter".

O genitor agradeceu: "Muito obrigado, gostei muito do primeiro." E pôs no filho o nome de Sugiro.

Mas, o nome mais singular de meu conhecimento é Maria Engrácia Tribuntina Prostitute Contra-erva, de Russas, no Ceará. Quando ela teve o primeiro filho, registrou-o com o nome de Eduardo Lembrança de Aliás.

O prof. Andrade Furtado alfabetizou-se com Idalina Andrade e Maria do Patrocínio Furtado, suas tias. Vindo para Fortaleza, ingressou no antigo Liceu do Ceará, onde fez os chamados preparatórios. Por ali passaram muitos cearenses ilustres, podendo-se mencionar Djacir Meneses, ex-Reitor da Universidade do Rio de Janeiro; os poetas Antônio Girão Barroso e Manuel Albano Amora; o médico Newton Gonçalves e Florival Seraine, da Academia Cearense de Letras; o Senador

e médico Almir Pinto; o advogado Hugo de Gouveia Soares Pereira, ex-Secretário de Estado do Ceará; o filólogo Hélio Melo, o Dr. Ricardo Gouveia, famoso oculista; os historiadores Raimundo Girão, Hipólito Campos de Oliveira e José Teixeira de Freitas; o ex-Senador Edgar Cavalcante de Arruda; e os ex-Governadores Parsifal Barroso e Raul Barbosa.

Findos os preparatórios, fez o vestibular para a antiga Faculdade de Direito do Ceará.

Ainda Acadêmico, ensinou em muitos colégios, no Instituto de Humanidades, depois Colégio Nogueira, dirigido pelo grande educador Joaquim da Costa Nogueira; no Colégio Colombo, do Dr. Leiria de Andrade; no Instituto Miguel Borges; de Odorico Castelo Branco; e na Fênix Caixeiral.

Naquele estabelecimento de ensino superior, recebeu o diploma de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, a 8 de dezembro de 1915, tendo sido orador da turma, sinal evidente de liderança.

Àquela época já se tornara poeta e publicava trabalhos em prosa, entre os quais "A Reabilitação da Mulher e o Cristianismo", "O Apostolado Vicentino", "Elogio Fúnebre de Sua Santidade o Papa Pio X", "Liberdade Econômica", "Instrução Pública" (tese), "O Nacionalismo e a Imprensa", "A Solução do Magno Problema do Ceará", "A Catedral", "A Extensão do Direito", "Ensino Jurídico", "Quixeramobim e sua Vida Religiosa", "Para que o Mundo Pense", "A Filosofia do Desastre" e "Esboços e Perfis."

Cuidoso das coisas das letras e visando certamente a construir, desde cedo, acervo de publicações, enfeixou em opúsculo o discurso proferido em sua formatura.

Dois anos depois de receber o título de nível superior, retornou à Faculdade de Direito, mas, então, como professor de Economia Política e Finanças, cadeira obtida mediante concurso. Dava boas aulas, era assíduo e sabia manter a dis-

ciplina na classe. Nessa cadeira permaneceu até 24 de fevereiro de 1933, quando a permutou, com o Dr. Waldemar Falcão, com a cátedra de Direito Administrativo.

Foi também professor da Escola de Agronomia do Ceará da Faculdade Católica de Filosofia e do Instituto Social. Duas vezes, exerceu as funções de Juiz Eleitoral do Ceará e desempenhou os cargos de Diretor da Faculdade de Direito do Ceará, Vice-Reitor da Universidade Federal do Ceará, Secretário da Fazenda, Secretário do Interior e Justiça e Interventor Federal.

Na área bancária, dirigiu, desde sua fundação, o antigo Banco São José, da Arquidiocese, hoje Banco Popular de Fortaleza, S.A.

Pertenceu ao Instituto do Ceará na cadeira 10, e à Academia Cearense de Letras, na cadeira 26. Nessa entidade exerceu a Presidência.

Foi Presidente, Secretário-Geral e Orador do Círculo Operário de Fortaleza.

Era Comendador da Ordem de São Gregório Magno, título concedido pela Santa Sé.

Contraiu núpcias, duas vezes. A primeira com Maria Alexandrina Castelo Branco, cujo hipocorístico era Lili, e com Maria Dilara Bezerra, ambas suas primas.

Do primeiro matrimônio teve os filhos Maria Abigail, Maria Stela, professoras; e José Abner, sacerdote católico. Do segundo, houve: Maria Liara, de lides domésticas; Luís Edgar, famoso jornalista da Organização Globo; Paulo Abel, secretário da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Ceará; Gil Rubens, funcionário da dita Universidade; Maria Noélia, de prendas do lar; Maria de Lourdes (a religiosa Irmã Bernadete); Margarida Maria, socióloga e Manuel Antônio de Andrade Filho, bancário.

Muito jovem, tornou-se jornalista profissional. Colaborou no CORREIO DO CEARÁ, no DIÁRIO DO ESTADO e em O NORDESTE. Deste foi Diretor, muitos anos. Ele mesmo fazia a revisão de seus artigos diários, lendo-os sozinho, em voz compassada e em tom alto. Assim o vi procedendo, desde 1934, na redação desse velho vespertino católico, nos altos da "Livraria Seleta", na Rua Major Facundo, vizinho ao Cartório Ponte, em Fortaleza.

Depois, esse diário mudou-se para a Rua Cel. Bizerril, cruzamento com a Pedro I, perto da Prefeitura de Fortaleza.

Dou este pronunciamento porque, a partir de 1934, comecei a freqüentar a redação desse vespertino e a nele colaborar.

Lembro-me ainda quando, nos longes daquele ano, o Cel. do Exército Filipe Moreira Lima, comunista, assumiu a Interventoria Federal do Ceará, a 5 de setembro. Sua presença no governo provocou muita excitação partidária, envolvendo o próprio clero, através da Liga Eleitoral Católica por sua Junta Estadual Cearense, esta sediada em Fortaleza, no dia 16 de dezembro de 1932.

Os lecistas divulgavam o caráter comunista e divorcista do Partido Social Democrático, ao qual pertencia o Cel. Moreira Lima. Apontavam os pessedistas como adversários da Igreja.

Antes da realização das eleições de 12 de outubro de 1934, o fogo político cresceu em alto grau. Andrade, como jornalista católico e combativo, Diretor de O NORDESTE, foi soldado imbatível na defesa da LEC. O jornal recebeu ameaça de ver apreendida a edição de 1.º de outubro de 1934. Ao receber o recado trazido por um líder político da situação, o jornalista respondeu com bravura:

— "Diga ao Governo que cumpra com o dever de manter a ordem, a propriedade alheia e a liberdade de Imprensa. Saberei cumprir com o meu dever de jornalista."

Não se efetivou a ameaça. Os pessedistas recuaram, mesmo porque o jornal saiu antes da hora costumeira.

Os lecistas venceram as eleições, numa coligação integrada por rabelistas, conservadores, integralistas e agrários. Fizeram 25.000 votos, com a vitória, para Governador, do Prof. Francisco Meneses Pimentel, enquanto os pessedistas obtiveram 22.000 sufrágios. O derrotado foi José Acióli, substituto do General Juarez Távora, candidato renunciante.

Nesta vitória, muitos créditos mereceu nosso homenageado, pela posição de valentia moral e física revelada no comando do jornal oposicionistas.

Era o ano de 1929, governo de José Carlos de Matos Peixoto. Andrade, professor da Faculdade de Direito do Ceará, cujas despesas corriam à conta do Estado, foi receber vencimentos na Recebedoria do Estado.

O jornalista Júlio de Matos Ibiapina, ateu, vivia em polêmica com Andrade Furtado. Este respondia nas colunas do O NORDESTE.

Andrade foi agredido por Matos Ibiapina. Defendeu-se com a bengala, sua inseparável companheira. Embora armado, não puxou do revólver. Confessou, depois, haver tido medo de atingir pessoas não envolvidas no conflito.

Seu primo Antônio Furtado ajudou-o a defender-se de Ibiapina. Em seu depoimento na polícia, declarou ter aplicado caridosas bengaladas no agressor... A cada pancada, Antônio Furtado ia citando dispositivos penais infringidos por Ibiapina.

Recentemente, uma publicação da terra declarou ter sido Andrade poeta bissexto. A afirmação é fruto de desconhecimento da Literatura do Ceará, porque, na verdade, já aos quatorze anos, em 1904, ele publicou versos em O PALADINO, de Baturité (CE). Em 1908, na "Revista Escolar", do Instituto de Humanidades, apareceu com OS DOIS VIAJORES, inspirado no conto de Floriano. No ano seguinte, produziu NATAL.

Sua produção nesse campo foi crescendo, sempre, como em: CONSOLATRIX AFFLICTORUM, MÊS DE MARIA, CAUSA NOSTRAE LAETITIA, SURREXIT. Embora inquilino da área religiosa, incursionava em campo profano, como nos sonetos BODAS DE PRATA, OFERTÓRIO, PRIMÍCIAS e LEDO ENGANO.

Em DESCONFORTO, o poeta queixa-se da indiferença da amada:

"É teu credo que ensina amor e caridade!
Mas, só tens para mim olhares de desprezo.
Bem deves compreender que essa severidade
Traz-me à rude amargura eternamente preso.

Nunca deixei de crer na virtude e na bondade
Desse teu coração. E sempre tive, aceso,
O fogo deste amor na pira da amizade,
Resistindo à frieza, à ausência, ao menosprezo

Dei-te tudo o que tinha o meu afeto louco!
(Olhos da mocidade, enxergaste tão pouco...)
Hoje, vergo vencido, ao passo da descrença.

Vives calma e ditosa! Enquanto o desgraçado
Vai sentindo no peito entrar o envenenado
Estilete fatal da tua indiferença..."

Às vezes, também era inspirado pela nota filosófica. Então, vinham conceitos sobre a vida e o homem. Veja-se este soneto:

A VIDA

Misto de treva e luz, de escuridade e estrelas,
Hinos que sobem aos céus, gemidos e lamentos,
A praguejar na voz dos furibundos ventos,
Ou no grito infernal de rábidas procelas.

Aqui, sedosa flor de pétalas singelas,
— Imagem do descanso, em paz e sem tormentos,
Perto o mar a rugir em ímpetos violentos,
Levantando no dorso as enfunadas velas.

Cidades a brilhar e cidades em ruínas,
Rio torvo e feroz com frêmitos nas águas,
Lago tranqüilo e azul de vagas cristalinas...

A vida é assim mesmo — um contraste perfeito!
Uns, sorrisos na face a esconder duras mágoas,
Outros, mágoas no olhar e sorrisos no peito!

Tive o ensejo de fazer-lhe a fisiognomonia, o retrato psicológico, mediante o estudo dos caracteres do rosto e da cabeça, analisados pessoalmente e através de fotografias que me vieram às mãos, fornecidos por Fernando Câmara e por Rubens Bezerra Andrade, sem esquecer na memória de seus traços fisionômicos, em inúmeros contactos com o homenageado, quer no Banco Popular de Fortaleza, do qual fui advogado, quer como seu aluno, quer, ainda, nos encontros em reuniões religiosas.

Muitos não crêem em estudos desta natureza. Mas, homens ilustres lhe deram crédito, como o fisiognomonista Hipócrates. Na escola de Pitágoras, não se admitia aluno senão depois de ser apreciado sob esse ângulo, para verificação das aptidões. Também Porta, da escola de Aristóteles; Lavater, filósofo, poeta e teólogo protestante; assim como Gall, renomado médico alemão.

Instintivamente, queremos penetrar os segredos alheios, descobrir o íntimo do outro. E um dos processos para tanto acha-se na Psicognomia, cujo maior fim é calcular a interação das tendências. Constitui a parte mais rica da psicologia pedagógica individual.

De acordo com as suas regras, pode-se, por exemplo, dizer: o portador de fronte arqueada na parte superior não tem senso prático. As arcadas sobreciliares pouco salientes e o grande espaço entre as duas sobrancelhas e a base do nariz em depressão indicam ausência de capacidade de observação e de senso real. O nariz romano, em curva, sinala capacidade executiva. O queixo muito proeminente demonstra obstinação e apetite exagerado. As orelhas em forma de abano indicam o bom ouvinte, quase sempre livre de surdez. As narinas muito abertas demonstram boa capacidade respiratória. Os lábios grossos demais são índice de sensualidade. Fronte quadrangular, angulosa, aponta frieza, insensibilidade. Lábios delicados com a parte vermelha muito visível comprovam afeição e afabilidade; quanto menos aparecer a mucosa vermelha, tanto mais frieza. Boca em forma de coração denota tendências femininas.

A mulher de nariz grande gosta de tarefas próprias do homem. Costuma resolver os problemas sem consultar os outros. **Rempli de soi meme**, não tem apreço ao marido.

As sobrancelhas retas e densas revelam energia física e mental; arqueadas, fraqueza e ternura. Quanto mais próximas dos olhos, mais sagacidade, autodomínio e teimosia. Quanto mais afastadas, mais leviandade e impulsividade.

Não se confie em pessoa com sobrancelhas muito afastadas dos olhos. Pena seja difícil fazer essa apuração nas mulheres, pois a grande maioria raspa estes adornos naturais.

"Os olhos são o espelho da mente." Baixos, constituem sinal de vergonha; brilhantes, alegria; fundos, enfermidade ou preocupação.

A essência do corpo está no rosto e a essência do rosto mora nos olhos. Nos honestos, o olho mostra-se claro; nos desonestos, apresenta-se sem brilho.

O olhar baixo — diz Jong Suk Yum, no seu livro **Diagnóstico visual do homem**", lançado há pouco — é grande sinal de benevolência. Mas, quando a pessoa usa os olhos sempre

para baixo e, ao mesmo tempo os movimenta para a esquerda e a direita, denota astúcia e deslealdade.

A Fisiognomonia pode ser auxiliada pelo estudo da voz. Por exemplo: voz **fraca**, com eliminação do final das palavras, sinala covardia; **melodiosa**, caráter romântico; **desregulada no tom e no ritmo**, imprudência; **cheia e sem hesitação**, coragem; **aguda** como de criança, caráter ainda não formado; **muito ruidosa**, impolidez e falta de educação; voz **de mulher semelhante à do homem**, masculinidade; voz de homem, sendo **fina, feminilidade; relutante e comedida**, espírito de dúvida.

Nos homens de baixa estatura, em geral a voz é muito alta. Significa desejo de afirmar-se, para compensar a falta de tamanho normal.

Sob a óptica da Fisiognomania, obtive de Andrade Furtado este retrato psicológico:

Era, ao mesmo tempo, espiritualista e racionalista. Não lhe causavam mudança de posição crítica a agressão, o obstáculo sendo dotado de tenacidade e determinação. Na luta, colocava todas as energias disponíveis, mas evitava a discussão e o emprego da força. O amor e o ideal constituíam-lhe coisas sagradas, pelas quais fazia qualquer sacrifício. Não prejudicava os interesses alheios. Era emotivo, intuitivo e místico. Grande vocacionado para os estudos e o trabalho mental, porém inapto para o trabalho de natureza física. Capaz de se dedicar a atividades múltiplas. Apreendia os assuntos rapidamente com objetividade e visão panorâmica. Fáceis lhe eram a palavra e o escrever. Generoso, tinha capacidade de ajudar o necessitado, mas procedia ocultamente. Não obedecia às convenções. A moda passava por ele como a água sobre o cimento, sem deixar sulco ou vestígio. De pouco contacto social, um tanto introspectivo, mais amante do convívio familiar. Procurava ser compreensivo. De natureza franca e simples. Amigo da concórdia. Tendência para isolar-se. Reservado no opinar. Tinha delicadeza de sentimentos. Embora se controlasse, irritava-se quando contrariado. Tendência à depressão.

Metabolismo deficiente, capaz de produzir-lhe distúrbios na saúde, na circulação e sobretudo na parte glandular.

Dou boa valia ao esboço psicológico com base na fisiognomia, como também lhe deram Leonardo da Vinci, Platão, Goethe e Sócrates. É usado no Oriente, sobretudo para diagnóstico visual. Porque a face espelha o interior do homem. Por exemplo, as funções do intestino e do estômago, refletiam-se na textura, e na cor do rosto. As orelhas indiciam o estado dos rins; os olhos, o estado do fígado. O diagnóstico visual possibilita detectar a doença no nascedouro e debelá-la com a simples modificação do regime alimentar.

O RELIGIOSO. Toda criatura humana pugna pela felicidade, pois a ela está ligada à idéia de estabilidade.

Cristo conhecia esta ânsia do homem. Por isso, prometeu: "... quem crer em mim não perecerá, mas terá a vida eterna." "Quem come da minha carne não morrerá."

Os conflitos mais detonadores do desequilíbrio psicossomático provêm da insegurança. Daí ser imprescindível acreditar em algo permanente.

Muitos se apegam à fortuna; quando empobrecem entram em angústia. Outros se ligam estreitamente às amizades, aos amores; se morre um filho ou a noiva, ou uma pessoa querida, entram em desespero.

Se a felicidade não tiver o caráter de estabilidade, não será verdadeira. O ganhar riqueza, adquirir prestígio social, conquistar glória, tudo isso é vão, instável.

No Evangelho, Cristo prometeu conceder a felicidade eterna, noutra vida. Mas a criatura é imediatista. Deseja conquistá-la aqui, logo. Então, esquece as normas éticas, sociais e religiosas. Seu escopo é alcançar o objetivo independente dos meios.

Conduzido pelo desejo de ter felicidade sem fim, passa o homem a estudar os motivos básicos da religião. Do exame realizado, conclui serem diversas as razões de seu fundamento, entre elas a da revelação. Demonstrado vir de Deus a revelação, a criatura delibera querer o Pai criador, e, mesmo sem o compreender integralmente, senão nos efeitos operados no mundo, resolve dar adesão ao transcendental.

Quem acreditar ser Jesus Cristo uma das pessoas de Deus, e verdadeiros os seus ensinamentos, virtualmente já é católico, resta-lhe apenas a explicitação para descobrir a mensagem do instituidor da Igreja. E, ao em vez de examinar o próprio fundador, examinará a Igreja Católica tal como existe, procurando descobrir em sua estrutura os sinais da intervenção divina. Verá então o seu desenvolvimento e sobretudo a sua grande persistência, enfrentando lutas de morte, mas sempre vitoriosa.

Se a Igreja fosse criação humana já teria desaparecido, tantos são os combates travados com os seus perseguidores. Teria perecido porque todas as coisas humanas são sujeitas à destruição. Mas, há vinte séculos, por ser criação de Deus, resiste vitoriosamente.

Alguns dirigentes e Sacerdotes da Igreja católica tinham vida escandalosa. Nem por isso a barca de Pedro soçobrou. Contava, e contará, pelos séculos afora, com a permanente assistência divina. Nem os maus sacerdotes nem os leigos infiéis ao Cristo conseguirão destruí-la.

Gamaliel era fariseu, mas dotado de muita lógica. Observando estarem os Judeus movendo intensa perseguição aos seguidores de Jesus Cristo, resolveu reunir alguns dos líderes da religião judaica e falou-lhe com franqueza: Ou esse cristianismo é instituição meramente humana ou é obra de Deus. Se for humana, terá fatalmente seu fim. Não adianta derramar o sangue de seus adeptos. Mas se tiver sido instituído por Deus, não atua qualquer perseguição. Jamais conseguireis eliminá-la. É criação imperecível.

Jamais Andrade necessitou dessas locubrações para crer. De feito, nasceu abraçado com a fé. Viveu-a de modo intenso. Manifestou-a sem respeito humano em todos os momentos da vida. Morreu amando-a com as forças do seu espírito. Cresceu como uma criança, com fé demais simples.

Numa entrevista concedida à televisão inglesa, perguntaram ao grande psicanalista Carl Gustav Jung se ele acreditava em Deus. Eis a resposta sintética, um mimo de convicção: "I don't believe, I know" (Não creio: eu sei) E o famoso entomologista Jean-Henri Fabre (1823-1915) manifestou seus sentimentos religiosos, quase de modo idêntico: "Não acredito em Deus; eu o vejo".

Outrossim, Jung mandou gravar em pedra, no alto da porta de entrada de sua casa de Küsnacht: "Invocado ou não invocado, Deus estará presente".

Andrade Furtado — não tenho dúvida — deste mesmo modo via a Deus, nele depositava crença inteira, irremovível, incondicional.

Em tudo se mostrou fiel combatente da Igreja de Cristo, com olhos postos em Deus. Integrando as fileiras de entidades religiosas entre elas a União de Moços Católicos, a Congregação Mariana da Sé, o Círculo Operário São José, a Sociedade de São Vicente de Paulo. Ao lado do Barão de Studart, de quem foi muito amigo, exerceu a vice-presidência da Sociedade de São Vicente de Paulo.

Faleceu a 16 de abril de 1968, em sua residência, na Praça do Cristo Rei, nesta Capital.

Como se fora seu testamento, o nosso insígne homenageado assim resumiu poeticamente sua nobre e afortunada vida:

"Colocai a meu lado a minha pena
E, sobre o peito o Cristo, meu brasão...
E, se uma pedra o lidador merece,
Nessa pedra gravai: "Eu cri, eu vejo".

Na minha luta insana, tão porfiosa,
Ao coração ardente a Fé se impôs.
Tive, destarte, vida venturosa:
Servi a um só Senhor e não a dois...

Podeis dizer de mim: "Ele descansa,
Seu áspero trabalho terminou..."
Ou melhor, afirmai com segurança:
"Ele desperto, vê o que sonhou."

(Conferência pronunciada, a 9.10.1982, na "Casa de Repouso São José", na Serra do Estêvão, em Quixadá, Ceará)